



## Resenha

# Conversas com Vovó Amélia: navegando no barco da psicologia com as velas do espírito

## Conversations with Grandmother Amelia: sailing in the boat of Psychology with the sails of the Spirit

**Elaine Pereira Rabinovich**  
Universidade Católica de Salvador  
Brasil

Werneck, R. (2017). *Conversas com Vovó Amélia: navegando no barco da psicologia com as velas do espírito*. Jundiaí, SP: Nobres Letras.

O livro relata conversas entre uma avó e sua neta em que a avó reflete sobre a sua vida. No entanto, temos dois personagens "simulados": tanto a avó Amélia, personagem do livro, e sua neta, quanto Regina Werneck, que o assina, são "inventadas". A autora se chama Olga Sodré, e assina a Introdução. Portanto, há três *persona* em uma: Olga, Regina e Amélia.

Olga escreve na Introdução: "Sua escolha da forma literária de uma ficção permite tornar mais acessível, leve e agradável a sua narração. (...). Isto em nada diminui a veracidade dos fatos narrados. Posso atestar que todas as experiências narradas pela avó são verdadeiras." (p. 7).

Portanto, trata-se de uma autobiografia apresentada de forma literária. Embora haja uma discussão quanto ao mérito na área da autobiografia sobre a invenção de fatos ou personagens, este recurso tem sido usado. Curiosamente, estou lendo o livro de J. M. Coetzee (2002), "A vida dos animais", onde este consagrado autor usa do mesmo recurso ao proferir duas conferências em um encontro acadêmico em Princeton - as Tanner Lectures - em que, em vez dele, uma autora velhinha, chamada por ele de Elizabeth Cortello, apresenta estas duas conferências, "dialogando" com seu filho e nora e outros professores da Universidade. Após a apresentação destes dois textos correspondentes às duas palestras do Coetzee, há mais quatro textos de professores de diferentes áreas disciplinares que foram convidados para comentar essas palestras. A primeira comentadora - Marjorie Garber - é da área de Literatura e aponta que a fala de Coetzee enfatiza o valor da literatura dado à literatura na fala do autor, tanto quanto da vida dos animais. O segundo comentador é um filósofo, Peter Singer, que replica o estratagema de Coetzee por meio de um diálogo com sua filha. Diz: "Só que não é palestra nenhuma. É uma história de ficção sobre uma romancista chamada Costello que dá uma palestra em uma universidade americana" (p. 102). Donde a filha replica:



- Quer dizer que ele vai ficar lá na frente e fazer uma palestra sobre alguém que está fazendo uma palestra? *Très post-moderne*.
- O que tem de pós-moderno nisto aqui?"
- Ah, pai, onde é que você andou nos últimos tempos? Sabe, Braudillard e toda aquela história sobre simulação, desfazer a fronteira entre representação e realidade, essas coisas? Pense em todas as possibilidades de jogar com a auto-referência!
- Pode me chamar de antiquado, então, porque prefiro deixar a verdade e a ficção bem separadas. O que eu quero saber é o seguinte: como é que vou elaborar uma réplica para isto aqui? (p. 103).

Este diálogo fictício reproduz algumas das minhas inquietações iniciais ao começar a leitura do livro dado ser uma autobiografia que não está escrita na primeira pessoa e também quando esta aparece, é uma pessoa fictícia. A explicação para isto aparece ao final.

No entanto, estas são indagações quanto à forma, pois quanto ao conteúdo, este não deixa dúvidas. Trata-se de uma história verdadeira, em que uma pessoa mais velha quer passar suas experiências e reflexões sobre elas a outras gerações. Traça um rápido perfil de sua infância e relacionamento com o pai e com a mãe, aproximando as suas vivências das de sua neta.

Uma de suas temáticas principais é o diálogo entre ciência e religião e seu aprofundamento, caminho por ela percorrido. Assim, ao trazer a influência do Concílio do Vaticano II em sua religiosidade, explicita: "Sem base católica a esse respeito, deixei-me arrebatado pelas aspirações dos anos sessenta em torno das transformações sociais do mundo, da emancipação da mulher, da luta contra as convenções e das propostas de revolução sexual e de transformação dos costumes" (p. 39).

A metáfora utilizada para descrever a transformação pela qual passou a avó, e que percorre todo o livro, inclusive está na bela capa, é a da "navegação em barcos da psicologia até ter acesso às velas do espírito" (p. 42).

Essa navegação começa pelo relato das várias formas de psicoterapias pela qual passou a fim de "conseguir solucionar as dificuldades encontradas ao romper com as convenções sociais" (p. 43) em que oferece um importante relato a respeito de depressão e de formas de lidar com ela. Assim como a neta, ficamos bem curiosas para saber como conseguiu superar seus problemas "mudando de barco", para um barco guiado pelos ventos do espírito. Podemos seguir, então, as várias trajetórias e percalços da avó, e dos comentários inteligentes de sua neta, como bem observa o Prof. Geraldo José de Paiva na contracapa, a partir de um sonho, sonhado em um kibutz em Israel, que é uma revelação e um chamamento para uma ascensão espiritual, o que só encontrou abrigo, após idas e vindas, em uma psicanalista junguiana francesa. A nova terapia permitiu encontrar uma saída para a depressão, "dando acesso ao aperfeiçoamento da linguagem que permite a comunicação com o plano espiritual" (p. 57), já aberta desde a infância. Este aprofundamento se deu por meio de práticas



contemplativas orientadas por um mestre indiano de meditação, o que deu início a um novo ciclo espiritual. Neste, ela vem a entender o processo de energia espiritual, o de se desligar dos atrativos da vida mundana, escolhendo o caminho do celibato e a compreensão de que as práticas meditativas levaram, no seu caso, a "um enraizamento no ser, ao retorno à vida espiritual e ao contato com Deus" (p. 62). A partir deste caminho espiritual em que permaneceu por 14 anos, cria uma abordagem em psicologia clínica que chamou de psicologia oriental.

Sempre respondendo às perguntas da neta, relata que, após 14 anos, ocorreu o seu retorno ao catolicismo e o encontro, ainda na Índia, com dois monges contemplativos, Santa Teresa d'Ávila e São João da Cruz. Sua diferença em relação ao mestre hindu e sua comunidade é que "estes colocam Jesus na mesma posição de outros mestres iluminados e profetas de outras tradições" (p. 64), enquanto ela, estudando os Evangelhos, não concorda com esta compreensão depois de seu reencontro com Jesus, durante uma meditação, em 1991, na Índia. Este reencontro foi "uma espécie de olhar interior mais aguçado e capaz de captar as presenças sutis".

Realmente, não é fácil relatar experiências místicas que, além disto, encontram, em geral, uma forte barreira racional ao seu entendimento. A própria neta a questiona, dizendo ser uma interpretação sua esta percepção da presença de Jesus. A avó responde que sua experiência pessoal mostrou que o si mesmo existe para além dos símbolos da mente e que para ela, Jesus era o Cristo, donde ela não podia seguir dois ensinamentos distintos e que "a Igreja Católica era a depositária de seus mais completos ensinamentos" (p. 67). Oferece, então, uma reinterpretação do sonho que tivera muitos anos antes e que marcou o início desta sua jornada "orientada pelo sopro das velas do espírito de Deus" (p. 67).

A avó sugere que a neta inicie a sua própria caminhada, enfatizando que os erros, no seu caso, levaram-na também às suas descobertas, como a da psicologia oriental, em que trabalha "para distinguir a doença mental das experiências espirituais e como lidar nas duas situações" (p. 72). Nesta direção, encaminha seu texto para considerações sobre sua contribuição para a psicologia e para as futuras gerações de psicólogos.

Retorna ao tema inicial da relação entre atenção, agressividade e espiritualidade, para finalizar revelando que já fora Regina Werneck e que reassumira este nome porque estava exercitando o que fazia então como jornalista – escrever. A neta comenta que também assim se mantinha oculta, quando a autora revela ter se tornado monge há muitos anos, e "os monges não gostam muito de aparecer" (p. 83), o que pode indicar um dos motivos de assinar sua história com um pseudônimo.

Este relato está imerso em uma história que foi escrita em vários níveis e em vários diapasões, e assim deve ser lida. Sua leitura gera pensamento, e sentimento e, deste modo, cumpre o que a autora espera que nós, leitores, recebamos dela: uma vida plenamente vivida.



## Referências

Coetzee, J. M. (2002). *A vida dos animais* (J. R. Siqueira, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1999).

Werneck, R. (2017). *Conversas com Vovó Amélia: navegando no barco da psicologia com as velas do espírito*. Jundiaí, SP: Nobres Letras.

## Nota sobre a autora

*Elaine Pedreira Rabinovich* é psicóloga, coordenadora do Grupo de Estudos Família, (Auto)Biografia e Poética, da Universidade Católica do Salvador, Bahia. E-mail: elainepedreira@gmail.com

Data de recebimento: 04/09/2017

Data de aceite: 15/09/2017